VI

Os Errores d'Ulysses: — Segunda viagem. — Observações preliminares

Na segunda viagem dos Errores encontramos as seguintes estações: — Eolia (*bis*) — Læstrygonia — Ea ou a ilha de Circe — as Sereias — Scylla e Carybde — Thrinacia — Pheacia, d'onde Ulysses volta á sua patria n'um navio mysterioso.

Sendo a Eolia homerica o Zephyridos do sudoeste da Hispanha, e sendo o ponto de partida da segunda viagem o mesmo que o ponto de chegada da viagem á Libya, Tartesso, explica-se muito bem por que a Eolia, penultima estação da viagem á Libya, se torna a primeira n'uma viagem para a Thrinacia, que já mostramos ser a mesma cousa que a Erythia da Heraclea, i. é, a Inglaterra.

Fixada a posição da Thrinacia, nenhuma duvida póde haver sobre a identificação de Scylla e Carybde. A Thrinacia, diz a Odyssea, ficava «immediatamente depois» de Scylla e Carybde [1]. Um estreito

---

[1] *Odyssea*, XII, 260-2.

immediatamente antes da Thrinacia = Inglaterra é necessariamente o Passo de Calais.

Vê-se que os textos da Odyssea, analysados sem preoccupações, apontam como scenario das ultimas peripecias d'esta parte dos Errores o Mar do Norte, como ella diz, o mar de nevoeiros, onde habitavam os Pheacios, explicando-se por isso muito bem, como notamos acima, que Ulysses n'esta segunda viagem tenha de passar novamente pela Eolia, uma localidade a poente de Tartesso.

Mas onde localisar as estações, que ficam entre a Eolia e Scylla e Carybde? Todas ellas deveriam ser procuradas desde o Zephyridos do sudoeste da Hispanha ao Passo de Calais, e esta localisação com respeito á ilha Ea, por exemplo, é absolutamente impossivel, porque diga-se o que se disser, não havia senão uma ilha Ea [2], e, se a Ea dos Argonautas é a Inglaterra, conforme já mostramos, a Ea dos Errores não póde ser outra cousa, e ha de ficar para além, e não para áquem do Passo de Calais.

A verdade é que estamos em frente d'um dos mais escuros enigmas da geographia homerica, enigma que só se decifra depois d'um fastidioso exame, a que pouparemos os leitores, dando conta dos principaes resultados, a que chegamos, guiados sobretudo pelo methodo comparativo, que temos adoptado.

---

[2] É tambem a opinião do snr. A. de Jubainville no seu escripto, citado na nota 5; mas as suas explicações não nos parecem felizes. Vid. *infra*, pag. 83 e seg.

As aventuras d'Ulysses na viagem á Thrinacia, taes como nol-as offerecem hoje os Errores, são duas versões d'uma mesma legenda com nomes geographicos differentes e peripecias apparentemente diversas, de que os coordenadores dos cantos homericos fizeram uma série contínua.

Formam portanto um verdadeiro duplicado, hoje mais difficil de descobrir, porque uma parte muito importante da geographia d'uma das versões perdeu o seu caracter positivo, a ponto de ser considerada como uma creação inteiramente phantastica, senão mesmo como um *hors d'œuvre*. Fallamos da viagem d'Ulysses ao Inferno.

Se se lhe attribue porém um valor geographico e historico, como a todos os outros episodios, e se estudam os seus incidentes sob este aspecto, é impossivel então deixar de acreditar que o trajecto, que faz Ulysses d'Ea para o Inferno, e o trajecto da Thrinacia para a ilha dos Pheacios, não sejam logares perfeitamente parallelos d'uma mesma legenda, tratados debaixo de pontos de vista differentes.

Vejamos.

Ulysses, retido na ilha de Circe, Ea, como na viagem á Libya o esteve na ilha de Calypso, alcança emfim licença para voltar ao seu paiz, mas antes d'isso diz-lhe a deusa que tem outra viagem a fazer: é a viagem ao Inferno. O heroe fica aterrado e com razão. Para o Inferno — objecta elle — não ha estrada nenhuma aberta a um navio [3].

---

[3] *Odyssea*, x, 501-2.

Circe destroe-lhe a illusão e mostra-lhe que não ha nada mais facil. De facto, o rei d'Ithaca mette-se no seu navio, iça a vela, e, como o vento é favoravel, ao fim d'um dia chega ás extremidades do mar e nomeadamente a uma região, onde, além do templo de Proserpina, um bosque d'arvores estereis, e da Lagôa Stygia, alimentada por varios rios, encontra o povo dos Cimmerios, cobertos por espessos nevoeiros [4].

Considerando como positiva e real toda esta geographia, temos que o Inferno, demandado por Ulysses, ficava defronte da Inglaterra (Ea), porque para lá chegar o navegante teve d'atravessar o mar, e não ficava a grande distancia, pois que a travessia apenas durou um dia. O Inferno ficava pois defronte da Inglaterra e vamos vêr o que elle podia ser, porque assim melhor saberemos em que direcção deve ser procurado com relação áquella ilha. No Inferno encontrava-se o templo de Proserpina, um bosque d'arvores estereis, que têm sido já identificadas com as arvores das Heliades da foz do Eridano (Rheno) [5]; encontrava-se a Lagôa Stygia, que Hesiodo colloca no Mar do Norte, no «Corno» do Mar do

---

[4] *Odyssea*, XI, 14 e segg.

[5] Vid. o artigo do snr. Jubainville, *La mythologie grecque et l'histoire de l'Europe occidentale*, nas *Mémoires de Linguistique de Paris*, III, fasc. 5. Bem que, a nosso vêr, as questões ahi tratadas deixem muito a desejar, o campo geographico, em que o illustre escriptor as colloca, é rigorosamente exacto, para nós.

Norte [6]; encontravam-se os rios sinistros, a que os Errores dão nomes, certamente de phantasia, mas entre os quaes, n'uma versão de Servio, se con-

[6] *Theogonia*, 775-89. O Tartaro d'Hesiodo é um amalgama de concepções contradictorias. N'uma passagem (721-25) o Tartaro fica nas entranhas da terra; dista tanto da superficie da terra, como a superficie da terra dista do ceu. N'outras passagens fica nos confins da terra (736-8; 807-9; 622); no mesmo logar, onde estão as fontes do mar (ibidem), os fundamentos do Oceano (886), e onde fica tambem a Stygia, que é a primogenita do Oceano (776-7) e habita no «Corno do Oceano» (789). A agua da Stygia corre d'uma alta rocha (785-7). Ahi é tambem a morada da Morte e do Somno (759), o carcere dos Titans, a cujas portas, que eram dominio de Neptuno, como todo o carcere, estavam de guarda os fieis defensores de Jupiter, Gyas, Cotto e Briareu (732-35). Ahi finalmente encontrava-se o templo de Proserpina e de Plutão (768). Sobre tudo isto pairam trevas caliginosas.

Se já independentemente de qualquer comparação com as indicações d'outros antigos, n'esta segunda concepção do Tartaro se vê claramente que elle já não fica nas entranhas da terra, mas no Mar do Norte (vid. o artigo já citado do snr. Jubainville), a comparação sobretudo com a parte da Odyssea, que examinamos, mostra de que fonte ella veio e como se formou. As noticias vulgarisadas pelos Phenicios sobre esse mar de nevoeiros (mar morto, como lhe chama Orpheu, 1080), sobre os povos que alli viviam, sobre o templo de Proserpina que lá encontraram com a sua Lagôa infernal, um Averno como tantos outros que existiam no mundo ariano, estas noticias e outras da mesma especie, cahindo nos dominios da credulidade grega, deram origem a esse Inferno trans-oceanico, de que falla o snr. Decharme, e que não era senão o Tartaro das tradições arianas, localisado no Mar do Norte e offerecendo por isso as contradicções que lhe notamos acima.

Que as noticias da Odyssea e da Theogonia provêm da mesma fonte prova-se até nas minuciosidades da descripção. Assim, por exemplo, se n'esta já vimos que a agua da Stygia corria de

tava o Eridano [7]; encontravam-se finalmente os Cimmerios sempre cobertos de espessos nevoeiros.

Se as tres primeiras indicações já bastavam para auctorisar a localisação do Inferno dos Errores pelas immediações da foz do Rheno, a última torna-a a bem dizer forçada, porque é impossivel desconhecer que estes Cimmerios envoltos em espessos nevoeiros e os Pheacios n'um mar de nevoeiros não sejam um e o mesmo povo [8], visto atravez d'um differente prisma, e nós havemos de provar que a Pheacia ficava na foz do Rheno.

O trajecto d'Eá para o Inferno é pois o trajecto da Inglaterra para a foz do Rheno, e, assim comprehendida, diga-se se a descripção homerica mostran-

---

uma alta rocha, a Odyssea dir-nos-ha (x, 513-15) que esta rocha ficava no confluente dos rios infernaes, que eram emanações da Stygia.

Procurando em outros escriptores, as comparações multiplicar-se-hiam. Orpheu colloca os Cimmerios no Mar do Norte (1118), como os Errores, e ahi tambem não só o Somno, como Hesiodo, mas um «populus somniorum» (1140). Nós já vimos que as columnas d'Hercules, que identificamos com o Passo de Calais (as columnas d'Hercules da navegação phenicia para o norte), eram chamadas tambem columnas de Briareu, segundo a tradição de Diniz Periegeta. E ahi temos Hesiodo, mostrando Briareu de guarda ás portas, que Neptuno poz ao Carcere dos Titans. Este carcere não é ainda senão o Mar do Norte, amalgamado absurdamente com o Tartaro grego, como as portas de Neptuno não são senão o Passo de Calais.

Desculpe-se-nos em attenção á importancia do assumpto a extensão d'esta nota, que podiamos alongar enormemente.

[7] Servius ad Æneidam, ao v. 659 do liv. VI.

[8] Já vimos que Orpheu colloca os Cimmerios no Mar do Norte sem a menor hesitação.

do o navegante n'um ponto da costa d'Ea, largando d'ahi para atravessar o mar, e chegando ao fim d'um dia ao Bosque de Proserpina, á Lagôa Stygia e aos Cimmerios — Pheacios, não é a descripção mais exacta e positiva d'uma travessia, feita d'um ponto da costa oriental da Inglaterra para a foz do Rheno.

Ha verdades que basta formulal-as com clareza, para serem logo abraçadas. Esta é certamente uma d'ellas e por isso nos abstemos d'accumular demonstrações superfluas.

*

É pois certo que a viagem d'Ea para os Cimmerios e a viagem da Thrinacia para os Pheacios são logares parallelos d'uma mesma legenda, pintada com côres differentes; e por mais d'um motivo importa pôr bem em relevo a feição especial de cada variante. N'uma d'ellas a Inglaterra é apresentada como a habitação d'uma deusa infernal, Circe. Os leões e lobos, que fazem guarda ao seu palacio, têm, como Cerbero, o guarda de Tartaro, o habito d'afagar com a cauda os desgraçados, que entram e nunca mais devem sahir da pavorosa morada. Os nevoeiros do mar dos Pheacios tornam-se em densa caligem, para envolvel-os agora com o nome de Cimmerios. N'uma palavra, todo o scenario é proprio d'um verdadeiro Inferno.

Na outra variante, ainda entrevemos a distancia os nevoeiros do mar dos Pheacios, mas na ilha Ea, chamada agora Thrinacia, encontramos os bois do

*

Sol, e a ilha é appellidada com todas as letras — ilha do Sol [9].

D'estes dous aspectos, sob que nos apparece o Mar do Norte, o ultimo é verdadeiramente estranho. Nada admirava que o Mar do Norte, notavel pelos densos nevoeiros que o cobrem, causasse uma penivel impressão nos Phenicios, quando lá chegaram a primeira vez, e que as descripções, feitas por elles d'estas paragens tristonhas, fornecessem aos crendeiros gregos um thema para as exagerações, a que as levou o mythographo dos Errores, e, como já mostramos, o proprio auctor da Theogonia.

É porém difficil d'explicar, sem uma causa desconhecida, que n'estas mesmas regiões se podesse localisar uma ilha do Sol, como faz a Odyssea. Todavia esta inexplicavel extravagancia já apparece na Heraclea; porque é agora occasião propria d'observar que o 12.º trabalho d'Hercules, viagem ao Inferno, e o 10.º, viagem a Erythia, são tambem duas versões d'um mesmo facto, formando um duplicado n'esta legenda. O Inferno, a que desce o filho d'Alcmena, a Lagôa Stygia, onde elle se perderia sem o soccorro d'Athena [10], não são senão incidentes do 10.º trabalho, vistos por um prisma egual ao da versão dos Errores, quando faz do Mar do Norte um Inferno [11]. E, se no 12.º trabalho tudo é lugubre e

---

[9] *Odyssea*, XII, 261-2.

[10] *Iliada*, VIII, 367-9.

[11] Alguns incidentes chegam a ser pouco menos de identicos. Assim Hercules encontra o pastor Menœtes em Erythia, e depois encontra-o no Inferno. Vid. Apollodoro, II, v, 10, 12.

infernal, como na viagem d'Ulysses a Ea, no 10.º, como na viagem d'Ulysses á Thrinacia — a ilha do Sol, habitada pelos bois do Sol — lá temos uma ilha Erythia, a vermelha, onde habitam os bois de Gerion, filho de Chrysaor (o dourado, o Sol), portanto uma ilha do Sol.

Como explicar a mysteriosa localisação d'uma ilha do Sol no Mar do Norte? Aqui está, a nosso vêr, a razão simplicissima. Segundo parece, a Inglaterra nunca foi designada pelos antigos Phenicios senão por denominações vagas.

No periplo phenicio do seculo VI ella é ainda chamada a ilha dos Albiões e na Odyssea «paiz d'Aetes». É mais que provavel que fosse por esta denominação que os Phenicios a designaram ao principio, por ser Aetes o regulo que alli dava leis quando a visitaram a primeira vez e lhes fez passar atribulações sem conta. O nome d'Aetes [12] é seguramente tão historico, como o de Albiões, e este nome d'origem árica, tinha uma etymologia transparente para os Gregos. Aetes significa o ardente. D'este Aetes,

---

[12] Escrevemos Aetes, como alguns traductores, para mais o approximar do velho irlandez Aed, porque para nós os dous nomes são a mesma cousa. Ainda hoje no irlandez e linguas congeneres este nome tem o significado transparente de ardente, fulgurante. Vid. *Revue Archéologique*, 1882, numero d'Outubro, pag. 240-1. O mesmo significado tem, segundo Gluck, o ethnico Ædui. Nas tradições cambricas, o chefe da segunda colonia de Cymros, que veio povoar a Inglaterra, é filho d'Aed. Sobre a etymologia do irlandez Aed, vid. G. Curtius, *Grundzage der griechischen etymologie*, 302.

o ardente, um personagem de proporções a luctar com os Argonautas, muitos d'elles filhos de deuses, fizeram os Gregos um filho do Sol, i. é, o Sol.

Isto é tanto assim, que mesmo Apollonio, para quem o regulo d'Ea e os actores da grande empresa se movem no mundo da realidade, salvas rarissimas excepções, nos dá tambem Aetes como filho do Sol, habituado a executar, como uns touros que não são senão os bois do Sol, uns certos trabalhos diarios, proprios do Sol; apparecendo n'um carro deslumbrante, guiados por seu filho Phaethonte etc. [13]

Ora, desde que o regulo Aetes é equiparado a um filho do Sol, ao Sol, imagina-se o que farão os phantasistas gregos da ilha habitada por Aetes. É a ilha do Sol. E aqui está como uma Ilha do Sol nos apparece no Mar do Norte, onde realmente ficava a ilha do regulo Aetes, o paiz d'Aetes.

O nome d'Ea é uma consequencia d'esta puerilidade. O paiz do Sol é propriamente o oriente, Ea. Ea torna-se pois um synonymo de paiz d'Aetes, a ilha do Sol; e a Odyssea dir-nos-ha ingenuamente que,

---

[13] Os phantasistas gregos fizeram ao filho o mesmo que fizeram ao pae. A chamada fabula de Phaethonte não é senão a mythificação da historia d'Absyrto, filho do regulo Aetes, traiçoeiramente assassinado na foz do Rheno. As provas d'esta affirmativa virão em logar proprio. Para justificarmos porém o nome de Phaethonte que damos aqui a Absyrto, diremos que Appollonio (III, 245-7) assevera que Absyrto era appellidado Phaethonte, por «brilhar entre os companheiros». Outro nome ariano na ilha dos Alhiões, com um significado tão claro para os Gregos, como o d'Aetes.

voltando a Ea, Ulysses pôde vêr a patria e as danças da Aurora [14].

É por uma razão identica, que a Inglaterra no 10.º trabalho d'Hercules, pôde ser chamada Erythia, a vermelha, não por symbolisar a região tingida dos raios do Sol poente, como dizem os mythologos, mas por ser a habitação por excellencia do filho de Chrysaor, o Sol, i. é, o oriente.

Escusado advertir que, não ligando attenção alguma ás indicações geographicas das legendas, que reproduzem, como se vê pela localisação da ilha Ea na Colchida, quando ao mesmo tempo affirmavam que ella ficava nas extremidades do mar e da terra, os mythographos gregos não podem ser accusados do absurdo de collocarem scientemente no Mar do Norte a morada resplendida do Sol, e ao mesmo tempo as trevas do seu Tartaro. N'estas cousas elles tinham tanta imputação como as creanças.

*

Depois d'esta digressão indispensavel, voltemos á coordenação dos Errores.

O duplicado das legendas é manifesto. Importa agora separar as estações, que pertencem a cada variante, e descobrir como se operou o encadeamento d'ambas.

Quanto ao primeiro ponto, não ha a menor diffi-

---

14 *Odyssea*, XII, 3-4.

culdade: os factos de cada versão não foram baralhados, e basta dispol-os nas duas séries seguintes, para reconhecer esta verdade:

Primeira variante: — Ponto de partida — Eolia — Læstrygonia — Ea, ou ilha de Circe — Trajecto d'Ea para o Inferno dos Cimmerios — Volta a Ea.

Segunda variante: — Partida d'Ea — Sereias — Scylla e Carybde — Thrinacia — Trajecto da Thrinacia para a ilha dos Pheacios — Volta a Ithaca.

Sem o encadeamento das duas variantes o desfecho da primeira seria certamente o mesmo que o da segunda, a volta a Ithaca.

O que nós vêmos hoje é a volta a Ea. Claro pois como o sol que o encadeamento das duas séries foi feito com a volta a Ea e que, em consequencia d'esta alteração, desappareceu o desfecho primitivo da primeira versão, quando ella era independente da segunda e que desappareceu o primitivo ponto de partida da segunda, e isto necessariamente, porque, fazendo-se das duas viagem uma só, não lhe podiam ser conservados dous pontos de partida e duas voltas a Ithaca.

Vamos examinar com toda a attenção as causas que motivaram a ligação das variantes com a volta a Ea, porque além de tudo a questão envolve problemas muito mais importantes do que póde suppôr-se.

Principiemos por considerar os factos, que se dão na ilha, e o papel que n'elles representa a sua dominadora.

Ulysses, depois de repellido na Eolia e mais maltratado ainda na Læstrygonia, vem aportar á ilha Ea, onde encontra uma famosa magica, que se torna sua amante, e, quando por fim o heroe a deixa

para seguir o seu destino, diz-lhe ella que tem de ir ao Inferno dos Cimmerios consultar Tiresias sobre o itinerario, que ha de seguir para voltar a Ithaca.

D'aqui temos a inferir que a amante d'Ulysses, se conhecia muito bem o caminho que da sua ilha levava ao paiz dos Cimmerios, ignorava inteiramente o itinerario pelas Sereias, Scylla e Carybde e Thrinacia, ensinado por Tiresias, pois, se o conhecesse, não aconselharia o amante a passar tantos sustos em demanda d'este informador.

Tomemos nota d'esta particularidade, para a commentar mais adeante e attentemos unicamente por agora no papel que representa a amante d'Ulysses, como informadora do caminho para a terra dos Cimmerios. Já o snr. Kirchhoff observou que esta magica da ilha Ea tem estreitas analogias com a Medea dos Argonautas [15]. Conhecido o processo do mythographo dos Errores em rastrear sempre os factos da Argonautica, aquella observação ganha a maior solidez. Na Argonautica Medea habita a ilha Ea, é uma magica celeberrima, torna-se a amante do chefe dos Argonautas, e não só ensina ao amante o trajecto da sua ilha para o paiz dos Pheacios — Cimmerios, mas acompanha-o na sua fuga, salvando-o dos grandes perigos, em que elle andou enredado.

O mythographo dos Errores, tratando os acontecimentos historicos com a liberdade que sabemos e elevando a amante do seu heroe á categoria de uma deusa, não podia obrigal-a a correr aventuras com Ulysses; mas certo é que esta Medea, desde

---

[15] Kirchhoff, obr. cit., pag. 287.

que é deificada, não póde reflectir melhor a Medea historica, levando a sua sollicitude pelo amante até facilitar-lhe os meios de encontrar um bom caminho para a sua patria.

Tudo muito bem até á chegada de Ulysses aos Cimmerios ou Pheacios. D'ahi por deante tudo é incongruente.

Já a volta do paiz dos Cimmerios a Ea é historicamente absurda [16]; mas o absurdo mais flagrante está no papel, que representa agora a amante de Ulysses. Ella que o forçou á viagem dos Infernos, a pretexto de que só alli poderia achar quem o instruisse ácerca do itinerario, por onde podia chegar á sua Ithaca; que portanto ignorava de todo em todo tal itinerario, logo que o heroe volta da medonha viagem, põe-se a explicar-lh'o com muito maiores minuciosidades, que o proprio Tiresias, e o que é mais, este itinerario, que segue pelas Sereias e por Sylla e Carybde, vem ter á Thrinacia, i. é, a Ea, onde Ulysses e a sua informadora estão conversando muito descançadamente.

Com toda a certeza esta informadora do roteiro pelas Sereias, Scylla e Carybde e Thrinacia, já não tem nada a vêr com Medea. Por outro lado um informador do roteiro para a Thrinacia, Ea e similhantes, é um personagem obrigado em todas as legendas, que se occupam d'esta empreza. Na Heraclea o semi-deus tem de consultar as Nymphas e, por conselho d'ellas de forçar Nereu a ensinar-lhe o

---

[16] Os Argonautas fugiram d'Ea e tiveram de seguir pelo Rheno e Rhodano, se quizeram voltar á sua patria.

caminho [17]; na Argonautica o informador é Phineu; nos Errores temos a amante d'Ulysses e Tiresias, quasi ao mesmo tempo.

Pergunta-se agora, tendo principalmente em vista as alterações, exigidas pelo encadeamento das duas variantes, que examinamos, se na amante de Ulysses, tal como hoje a vemos, não foram amalgamadas duas entidades, primitivamente distinctas — uma, a representante da Medea argonautica, que lhe ensina o caminho para os Cimmerios, outra, a representante d'um personagem *x* da velha legenda, que lhe ensina o caminho pelas Sereias, etc.

Esta hypothese é tanto mais racional, que a informadora do caminho pelas Sereias, está, a bem dizer, consubstanciada com Tiresias, e Tiresias é evidentemente um *alter ego* de Phineu [18]. Ora Phineu ensina aos Argonautas a maneira de tentar a passagem do estreito; habita pois para áquem do estreito. O mesmo deve succeder a Tiresias e á segunda Circe. Como na Argonautica Circe representa um papel de certa importancia, e o seu nome apparece em am-

---

17 Este facto dar-se-hia, segundo Apollodoro, na viagem ás Hesperides; mas as Hesperides, diz o mythographo (II, v, 11), ficavam na «terra dos Hyperboreus», i. é, no alto norte. Eschylo já labora na mesma confusão. Perseu, que n'uma grande parte das suas aventuras reflecte o 10.º e 11.º trabalho d'Hercules, tambem tem um informador.

18 Ambos elles são videntes, ambos cegos, ambos ensinam um roteiro, que tem por ponto forçado a passagem de um estreito temeroso. Não é tarde para declarar que consideramos a Necyomancia, hoje ligada ao episodio de Tiresias, como uma addição posterior.

bas as epopeias, cumpre estudar de perto, que papel tem ella na Argonautica e que posição geographica se lhe póde assignar.

Com relação ao primeiro ponto, dão-nos os mythographos da Argonautica duas versões. Segundo um texto d'Apollonio, Circe seria uma deusa infernal, que Jason e Medea procuraram para obter d'ella a absolvição do assassinato d'Absyrto; mas este papel attribuido a Circe é impossivel, porque mesmo para Apollonio, a estação de Circe ficava antes das Sereias, Scylla e Carybde e a Thrinacia, portanto os Argonautas visitaram o Circêo muito antes que Medea e Absyrto entrassem em scena; e nem se póde objectar se Medea procuraria Circe na volta da viagem, pois que os Argonautas voltaram por outro caminho.

N'um segundo texto deixa vêr Apollonio que os Argonautas tiveram de procurar a morada de Circe para se livrarem das procellas do mar [19]. Por esta versão, Circe, além do seu caracter de deusa infernal, tinha o mar sob a sua protecção, e estas duas attribuições são tanto mais certas, que o mesmo succedia a Hecate [20], com quem os Gregos confundiam a deusa, de que Medea era sacerdotisa, e que veremos não tinha outro nome senão o de Circe. Esta ultima versão é certamente a verdadeira.

Circe era pois uma deusa maritima, cuja protecção os Argonautas foram implorar. Resta agora determinar a posição geographica d'este Circêo, por-

---

[19] *Argonautica*, IV, 385-7.
[20] *Theogonia*, 426 e seg.

que d'este modo torna-se facil talvez perceber que relações possa haver entre esta deusa e a segunda Circe dos Errores.

Vejamos se esta questão geographica se póde esclarecer. Aqui entre Orpheu e Apollonio ha uma discordancia completa. Na lição d'Apollonio Circe habitava nas costas da Italia, no unico Circêo reconhecido como tal pelos antigos; mas esta opinião, que obedece evidentemente ás influencias da celebre geographia homerica, que tão fatal foi ao poeta [21], é de todo o ponto absurda: o Circêo da Italia, como estação d'uma viagem entre Tartesso e o Mar do Norte, está na mesma plana de disparate que o Campus Lapideus da Heraclea. A lição d'Apollonio tem de ser rejeitada sem reconsiderações.

Fica a lição d'Orpheu. Esta, bem que inteiramente desprezada até hoje, ganha um grande valor, desde que se dá por assente, como não póde deixar de dar, que a viagem dos Argonautas a Ea é uma viagem de Tartesso ao Mar do Norte. Ora, segundo Orpheu, a Circe dos Argonautas habitava a poente da foz do Tartesso [22], portanto na costa do sudoeste da Hispanha.

É este o Circêo que procuramos? Aqui estão

---

[21] Vid. cap. IX.

[22] Orpheu, 1238-41. Já dissemos que a Argonautica d'Orpheu nos parecia uma obra de remendos. A parte do seu itinerario desde o Mar do Norte ao Estreito de Gibraltar é tão clara, como as outras são obscurissimas, e contém minuciosidades tão exactas, que não podem deixar de ser cópia d'um roteiro verdadeiro. Como porém esta parte do itinerario não póde pertencer á

duas coincidencias muito notaveis, que o persuadem. A poente de Tartesso, ao pé d'Onoba, colloca o periplo phenicio do seculo VI o templo de uma deusa anonyma, que appellida de *Inferna* e que o é decerto, pois que tem por dominios uma Erebea Palus, uma especie de Lagôa Stygia [23]. Não podendo duvidar-se pela confissão de Apollonio que os Argonautas procuraram o templo d'uma deusa Circe; sendo tão absurda a localisação que elle lhe dá, quão racional a que lhe dá Orpheu, assignando-lhe uma posição a poente de Tartesso; sabendo nós que a poente de Tartesso, perto d'Onoba, existia o templo de uma deusa anonyma, em tudo identica a Circe, nós perguntamos se não é certo, como as cousas mais certas, que a Circe procurada pelos Argonautas não só ficava no sudoeste da Hispanha, mas que o verdadeiro nome da *inferna dea* do periplo era o de Circe.

Vejamos a segunda coincidencia. Discutindo a posição das columnas d'Hercules e para justificar a opinião d'aquelles que as collocavam no mar exterior, Strabon conta-nos a seguinte tradição pheni-

---

expedição dos Argonautas, que não voltaram do Mar do Norte pelo Atlantico, concluimos sem a menor hesitação que ella é uma cópia d'um roteiro phenicio, mas já do tempo em que os Phenicios frequentavam livremente aquelle mar, e que foi ineptamente inserido na historia da sua primeira expedição. Reconhecida a sua authenticidade, como é impossivel deixar de reconhecer, attentas as minuciosidades a que alludimos, as suas informações geographicas são inapreciaveis.

[23] Avienus, *Ora Maritima*, 241-4.

cia: Um oraculo ordenou aos Tyrios a fundação de uma colonia nas extremidades do mar ou columnas d'Hercules. Em consequencia do que, um navio tyrio poz-se ao mar e veio fundear n'uma localidade a nascente do Estreito de Gibraltar [24]. Os sacrificios mostraram que o deus se não dava por satisfeito, e os expedicionarios voltaram ao seu paiz. Uma segunda expedição vem ancorar em Onoba; mas os sacrificios ainda se mostram desfavoraveis. Terceira viagem. D'esta vez os phenicios arribaram a Gades e o deus deixou vêr claramente que as suas ordens haviam sido executadas [25].

Strabon não comprehende uma palavra da curiosa tradição que reproduz. É evidente que, se para o deus tyrio Onoba ainda não ficava nas extremidades do mar, aonde elle mandava os colonisadores, menos o podia ficar Gades, que está para nascente de Onoba; e o que se vê muito claramente é que, na sua terceira viagem, os Phenicios chegaram ás verdadeiras extremidades do mar, ao Mar do Norte, — ou, o que vale o mesmo, que a tradição contada por Strabon não é senão a tradição da expedição a Ea e das tentativas feitas pelos Tyrios para lá chegarem. Foi certamente na sua segunda viagem a Onoba, que elles recolheram as melhores informações sobre a mysteriosa ilha, porque só assim se explica que, na sua terceira tentativa, elles cheguem sem

---

[24] Onde hoje é a cidade dos Exitanos, diz Strabon. Certamente em Gades ou Tartesso, mas vai já vêr-se por que os Gregos não podiam acceitar esta versão.

[25] Strabon, III, v, 5.

hesitação, nem apalpadellas, ás verdadeiras columnas d'Hercules, de que o deus, quer dizer, os Tyrios, tinham uma noticia vaga [26].

Assim, foi em Onoba que os Phenicios encontraram quem os informasse exactamente sobre a posição d'Ea e o caminho que tinham a seguir para lá chegar.

Em resumo: os Argonautas procuraram o templo da deusa Circe, pedindo-lhe toda a sua protecção para a arriscada viagem, que iam fazer; o templo d'esta deusa ficava pelas immediações d'Onoba, i. é, na parte da Hispanha, onde os Phenicios tinham colhido exactas informações sobre a posição d'Ea e sobre o itinerario, que haviam de seguir para esta ilha.

Com os elementos colhidos n'esta investigação podemos deslindar com probabilidades muito chegadas á certeza a maneira, por que foi feita a ligação das duas variantes. Ella é obra dos infelizes coordenadores dos cantos homericos e obedece á idéa fixa de dar a todas as aventuras uma unidade e uma sequencia, que ellas nunca tiveram. Nas duas versões da viagem ao Mar do Norte o expediente, adoptado para obter a sonhada unidade, consistiu em fundir a magica habitadora d'Ea, mencionada n'uma d'ellas, historicamente Medea, com a Circe da outra versão, historicamente a Circe dos Argonautas. O expediente parece grosseiro de mais, mas não o é talvez tanto como se afigura, se repararmos na probabilidade de que o mythographo, que põe em

---

[26] Comp. cap. IX.

scena, a seu modo, a Medea da velha legenda, lhe deu o nome de Circe.

Com effeito, bem que Apollonio nos diga que a deusa, de que Medea era sacerdotisa, se chamava Hecate, é pouco menos de certo que a Hecate d'Ea tinha, como a do sudoeste da Hispanha, o nome de Circe [27]. Ora, como se sabe, está muito no gosto dos mythographos dos Errores endeusarem os personagens historicos que parodiam, e nada ha a estranhar então que d'uma sacerdotisa da Circe d'Ea o auctor da versão respectiva fizesse a propria deusa. Assim em cada variante haveria uma deusa Circe, occupando cada uma d'ellas uma localidade propria e representando um papel distincto; mas os coordenadores da Odyssea, não podendo perceber esta distincção, fundiram-n'as n'uma só.

Que esta fusão tivesse as causas justificativas que apontamos ou outras quaesquer, a verdade incontestavel é que esta fusão se operou, e por fortuna nossa tão inhabilmente, que as duas entidades se separam espontaneamente aos reagentes da critica, deixem-nos dizer assim. Em Ea fica a sacerdotisa de Circe, a amante d'Ulysses, facilitando-lhe o trajecto para o paiz dos Pheacios, ou Cimmerios, emfim uma representante de Medea, segundo a poetisou o primeiro mythographo. A Circe, que entra em

---

[27] Na sua primeira entrevista com o amante, Medea marca-lhe para ponto de reunião um logar no Campo Circêo e para pretextar a sua ida áquelle sitio, soccorre-se ás obrigações sacerdotaes, que alli tem a desempenhar n'um templo. Comparem-se os v. 198-200; 891-3; 913-16, do livro 3.º da *Argonautica*.

scena, depois do episodio dos Cimmerios, sabendo o que a outra ignora e prestando ao navegante minuciosas informações sobre o roteiro para Ea — Thrinacia, é reclamada imperiosamente para o Circêo da Hispanha em nome da deusa Circe da legenda primitiva e das lições das Argonauticas gregas e nada tem de commum com a Circe da primeira versão.

Inutil advertir que a fusão das duas Circes implicava a fusão das duas localidades separadas, em que cada variante as fixava; e decididamente, sem as razões que a determinaram, nós veriamos os coordenadores fazerem «voltar» Ulysses, não a Ea, mas ao verdadeiro Circêo e desapparecerem assim os grandes absurdos, que tão escura tornaram a geographia e historia d'esta parte dos Errores, absurdos, entre os quaes avulta o de vermos Circe em Ea ensinando a Ulysses o roteiro para Ea (Thrinacia).

*

Se as nossas considerações são concludentes, como nos parece, estamos auctorisados a estabelecer que a segunda viagem, como a vemos hoje nos Errores, contém duas variantes d'uma mesma legenda, com certeza devidas a mythographos diversos, podendo estremar-se com a maior facilidade.

As estações e principaes episodios da primeira são:

Ponto de partida. — Eolia. — Læstrygonia. — Ea. — Trajecto d'Ea para os Cimmerios. — Volta.

Da segunda: Ponto de partida. — Circêo. — Sereias. — Scylla e Carybde. — Thrinacia. — Trajecto da Thrinacia para os Pheacios. — Volta a Ithaca.

No capitulo seguinte vamos tentar localisar mais methodicamente as estações de cada uma das variantes, entremostrando ao mesmo tempo como em ambas ellas se parodía, do mesmo modo, que na expedição á Libya, a historia dos Argonautas na sua viagem ao Mar do Norte.